Ecos De Um Mundo Morto
Livro
junho 27, 2026
Capítulo 1: O Silêncio de Ferro
O zumbido dos reatores era a única constante. Não era um som alto, mas uma vibração sutil que subia pelas solas dos pés e se alojava na base do crânio, um lembrete perpétuo de que estavam suspensos no vazio. Além das paredes de liga de titânio da nave, não havia nada. Apenas a escuridão implacável do espaço profundo.
No convés de observação, o homem mantinha os olhos fixos na tela principal. O visor exibia os dados de telemetria em linhas verdes e frias, mas o que ele realmente olhava era o reflexo de si mesmo no vidro: os olhos cansados, a barba por fazer, a silhueta de alguém que já esquecera o que era pisar em terra firme.
Atrás dele, o som de passos leves quebrou a monotonia do metal. Ele não precisou se virar para saber quem era. Havia apenas duas batidas de coração naquela nave.
A mulher aproximou-se, parando a um passo de distância. Ela trajava o mesmo uniforme cinza, desgastado nos cotovelos e com o emblema da missão já desbotado pelo tempo. Seus olhos não buscaram os dele; fixaram-se no mesmo vazio exterior.
— Algum sinal? — a voz dela era um sussurro, quase como se temesse acordar os fantasmas do passado.
— Nenhum — o homem respondeu. Sua própria voz soou estranha, áspera pela falta de uso. — Os sensores de longo alcance continuam varrendo a mesma frequência. Só há ruído estático.
Ela cruzou os braços, um gesto defensivo contra o frio controlado da cabine.
— Às vezes eu me pergunto se a frequência deles mudou... ou se nós é que esquecemos como ouvir.
O homem finalmente desviou o olhar da tela e a encarou. Havia uma rigidez na postura dela, uma tensão que nenhum dos dois conseguia dissipar. Eles eram os guardiões de um cemitério flutuante, carregando os restos de uma civilização que se apagara como uma vela ao vento. O título que haviam dado àquela jornada nunca pareceu tão real: eles eram os ecos de um mundo morto.
— A frequência é a correta — ele disse, tentando infundir uma certeza que não possuía. — Se houvesse mais alguém lá fora, nós saberíamos.
— E se não houver? — Ela se virou para ele, os olhos brilhando com uma mistura de lucidez e desespero. — E se formos apenas nós dois, repetindo os mesmos comandos em uma máquina que nem sabe para onde está indo?
O homem não respondeu. Não havia resposta nos manuais de bordo

para o isolamento absoluto. Ele estendeu a mão, hesitando por um segundo, antes de tocar de leve no ombro dela. O contato humano era a única âncora que restava para ambos.
Na tela de controle, um pequeno ponto luminoso piscou no quadrante sul. Não era uma transmissão, nem um pedido de socorro. Era apenas o reflexo de um fragmento de rocha espacial, um pedaço de detrito flutuando no nada. Mas, por um breve instante, os dois prenderam a respiração, unidos pelo mesmo vislumbre de esperança que o universo insistia em apagar.
Aqui está o segundo capítulo, revelando a natureza do mistério que consumiu o mundo deles.
Capítulo 2: A Grande Dissipação
A sala de arquivos ficava nas entranhas da nave, onde a temperatura era mantida deliberadamente baixa para preservar os bancos de memória quântica. Ali, o ar tinha gosto de ozônio e poeira estática.
A mulher deslizou os dedos pelo painel de vidro fosco, ativando os registros holográficos do último ano da Terra — ou do que costumava ser a Terra. O homem observava da penumbra da porta, os braços cruzados, o peito pesado. Eles já tinham visto aquelas imagens mil vezes, mas a mente humana tem uma necessidade mórbida de cutucar as próprias feridas.
O holograma ganhou vida no centro da sala, projetando o planeta natal deles. Mas não havia fogo, nem crateras de asteroides, nem oceanos ferventes. Havia apenas uma lenta, silenciosa e aterrorizante perda de cor e contorno.
— Não foi uma guerra — a mulher quebrou o silêncio, sua voz ecoando nas paredes de metal. — E nem uma catástrofe climática. Foi o esvaziamento.
O homem deu um passo à frente, os olhos fixos na projeção.
O mistério que destruiu o planeta começou com o "Fenômeno da Dissipação". De um dia para o outro, as leis mais fundamentais da física começaram a falhar de forma localizada. A matéria simplesmente perdia a coesão. Uma montanha inteira, no continente antigo, dissolveu-se em uma névoa de átomos inertes ao longo de uma tarde, sem fazer um único som. Depois, foram as cidades. Prédios de concreto e aço desmoronavam não pela gravidade, mas porque as ligações moleculares que os mantinham unidos simplesmente deixavam de existir.
— A entropia acelerada — o homem murmurou, repetindo o termo que os cientistas usavam nos meses finais, antes de os próprios laboratórios sumirem no nada. — O universo decidiu que aquela parte do espaço não deveria mais conter substância.
O pior não era a destruição física, mas o que ela fazia com os seres vivos. A dissipação não escolhia alvos. Primeiro, as florestas

tornaram-se cinza e desapareceram no vento. Depois, os animais. E, finalmente, as pessoas. O homem lembrava-se do pânico silencioso: ver vizinhos, amigos e familiares começarem a perder a densidade, tornando-se translúcidos até que restasse apenas o espaço vazio onde antes exibiam um sorriso ou uma lágrima. Não havia dor. Apenas a cessação da existência.

Aquela nave em que estavam era o último esforço de uma espécie desesperada. Construída com os poucos materiais que pareciam temporariamente imunes ao fenômeno, ela foi lançada ao espaço com um único propósito: fugir do raio de alcance da Dissipação.

— Nós fugimos a tempo? — a mulher perguntou, desligando o holograma. A escuridão voltou a dominar a sala, restando apenas a luz fraca dos painéis. — Ou trouxemos o vazio conosco, adormecido nas nossas células?

O homem olhou para as próprias mãos, fechando-as em punhos para sentir a solidez dos seus ossos. Era o medo que os assombrava todas as noites. Eles sabiam o que havia destruído o mundo deles, mas não sabiam o porquê. Se a Dissipação era uma doença do espaço-tempo, o que garantia que o resto do universo também não estava morrendo?

Antes que ele pudesse responder, o alarme do painel principal da nave ecoou no corredor, quebrando o silêncio com três bipes curtos e estridentes. Os sensores externos haviam detectado uma anomalia na rota à frente.

O que os sensores detectaram? Uma outra nave que escapou, as ruínas de um planeta que sofreu o mesmo destino, ou a própria Dissipação bloqueando o caminho deles?

Aqui está o terceiro capítulo, seguindo o mistério do alarme e a revelação do que os aguarda no vazio.

Capítulo 3: A Cicatriz no Nada

Os passos dos dois ecoaram em sincronia pelo corredor de metal até o convés de comando. O bipe do painel principal mudara de ritmo, tornando-se mais rápido, uma pulsação urgente que preenchia a cabine outrora silenciosa.

O homem sentou-se abruptamente na cadeira de navegação, os dedos voando pelos comandos físicos e telas digitais. A mulher postou-se logo atrás, com as mãos apoiadas no encosto da poltrona, os olhos fixos nas leituras que oscilavam em padrões caóticos.

— O que os sensores pegaram? — ela perguntou, a respiração curta. — É um detrito?

— Não. Detritos têm massa, órbita e refletem a luz das estrelas distantes — o homem respondeu, a testa franzida enquanto tentava calibrar os filtros ópticos externos. — Isso na nossa frente... não tem massa. Mas está desviando os sensores como se fosse uma parede.

Ele acionou o visor principal. A escuridão do espaço profundo foi

substituída por uma imagem processada digitalmente para que os olhos humanos pudessem compreender o que estava acontecendo.
No meio do nada, a poucos milhares de quilômetros da proa da nave, o espaço parecia estar rasgado. Não era um buraco negro, pois não havia a distorção gravitacional violenta que os arrastaria para a morte. Era, em vez disso, uma ausência perfeita. Uma fenda onde as estrelas de fundo simplesmente desapareciam, como se alguém tivesse recortado um pedaço do tecido do universo com uma tesoura.
A mulher sufocou um suspiro, dando um passo para trás.
— É ela — ela sussurrou, a voz trêmula. — A Dissipação.
— Estamos a anos-luz do nosso sistema solar — o homem disse, a voz endurecendo pelo choque. — Não deveria estar aqui. Nós corremos na direção oposta.
— E quem disse que ela começou no nosso mundo? — A mulher olhou para os gráficos de energia na tela lateral. Eles estavam caindo. Não porque os reatores estivessem falhando, mas porque a própria energia da nave parecia estar escorrendo para dentro daquela fenda, como água em um ralo invisível. — A Dissipação não é uma tempestade que podemos contornar. O universo inteiro está desmoronando, e nós apenas encontramos outra margem do colapso.
A nave estremeceu. Não foi um solavanco físico, mas uma sensação estranha e desorientadora, como se por um milésimo de segundo os corpos deles tivessem se tornado mais leves, quase gasosos. O homem olhou para o próprio braço; a manga cinza do uniforme pareceu perder a nitidez por um piscar de olhos, as bordas tornando-se ligeiramente translúcidas antes de voltarem ao normal.
O pânico, frio e cortante, tomou conta da cabine.
— Os motores de dobra não vão responder se a física local continuar falhando — o homem anunciou, lutando contra os comandos que começavam a piscar em vermelho. — Temos que mudar o curso manualmente. Agora!
Ele empurrou a manete de empuxo lateral ao máximo. Os propulsores da nave rugiram na escuridão, tentando desviar a rota daquela barreira invisível que engolia a realidade. A nave rangeu, protestando contra a manobra violenta.
Lentamente, a fenda começou a se mover para a periferia do visor principal. Mas o alívio durou pouco. No canto da tela, os sensores de longo alcance começaram a mapear o espaço à frente para onde eles estavam mudando o curso.
O painel emitiu um novo som, um bipe longo e contínuo. Na nova rota, escondida logo atrás da fenda, os sensores finalmente encontraram algo com massa e forma. Uma estrutura massiva, artificial e completamente apagada, flutuando à deriva na borda do abismo.
O que eles encontraram? Uma megasstrutura abandonada por outra

civilização que também tentou fugir, ou uma versão idêntica da própria nave deles, morta e vazia?
Aqui está o quarto capítulo, com a aproximação e a entrada na estrutura desconhecida.
Capítulo 4: As Entranhas do Titã
O silêncio que se seguiu ao desvio de curso foi quebrado apenas pelo eco do bipe contínuo. Diante deles, ocupando toda a extensão do visor principal, a estrutura desconhecida erguia-se como um monumento à Idade do Gelo cósmica.
Ela não se parecia com a nave deles, que era funcional, cilíndrica e compacta. Aquilo era uma monstruosidade geométrica: uma colmeia de ângulos agudos e torres negras que pareciam feitas de obsidiana fundida. Não havia luzes de navegação, nem portos de ancoragem visíveis, nem sinais de calor. Era um cadáver de metal e rocha flutuando na borda do abismo, mas era grande o suficiente para abrigar uma cidade inteira.
A mulher deu um passo à frente, tocando o painel óptico para dar zoom em uma das aberturas da megaestrutura.
— Há uma brecha na seção central — disse ela, apontando para uma fissura cavernosa que rasgava o flanco do Titã negro. — Parece uma doca de pouso forçada, ou uma ferida de impacto. O tamanho é suficiente para entrarmos.
O homem hesitou, as mãos pairando sobre os controles de aproximação. Atrás deles, a fenda da Dissipação continuava a sugar a luz e a energia do espaço; recuar significava ser desintegrado átomo por átomo. À frente, estava o desconhecido absoluto.
— Se entrarmos aí, podemos ficar sem energia para sair — alertou ele, a voz baixa. — Os sensores não conseguem ler o que está lá dentro. O material dessa estrutura bloqueia tudo.
— Se ficarmos aqui fora, desapareceremos de qualquer forma — a mulher respondeu, olhando de relance para o próprio braço, temendo que as bordas de sua pele começassem a perder a nitidez novamente. — Pelo menos ali dentro há massa. Há gravidade residual. É chão firme.
O homem assentiu lentamente. Com movimentos calculados, ele acionou os propulsores de manobra, guiando a nave na direção da imensa fenda escura da estrutura.
À medida que cruzavam o limiar da abertura, a luz das estrelas distantes foi engolida pelas paredes colossais do Titã. A escuridão tornou-se absoluta, quebrada apenas pelos holofotes dianteiros da nave, que cortavam o vazio interno. Os feixes de luz revelaram tetos impossivelmente altos, sustentados por pilares imensos que pareciam costelas de uma criatura mitológica petrificada.
Um solavanco sutil reverberou pelo casco. Os sistemas magnéticos da

doca abandonada, há muito adormecidos, reagiram de forma puramente mecânica à presença da nave, puxando-os para uma plataforma inferior com um rangido metálico que ecoou pelo rádio de bordo.
A nave parou. Os motores silenciaram.
Na cabine, os painéis de controle pararam de oscilar. A energia estabilizou. O magnetismo daquela estrutura parecia criar uma blindagem natural contra a Dissipação que rugia lá fora.
A mulher soltou o ar que nem percebera que estava segurando. Ela se virou para o rack de equipamentos na parede traseira e puxou dois trajes de exploração extraveicular. O tecido grosso e pressurizado era pesado, mas necessário.
— Vamos — disse ela, estendendo o traje para ele. — Não viemos até o fim do universo para morrer trancados na nossa própria cabine.
O homem vestiu o traje em silêncio. Quando selaram os capacetes, o som do mundo exterior foi substituído pelo chiado do oxigênio reciclado e o ritmo de suas próprias respirações. Eles caminharam até a escotilha de descompressão.
A porta pesada de metal se abriu com um sopro de ar pressurizado. Uma rampa estendeu-se até o chão da doca alienígena. Os dois desceram, as botas magnéticas fixando-se com cliques pesados no solo de metal negro.
Os holofotes acoplados aos seus ombros cortaram a penumbra da imensa câmara. O chão estava coberto por uma fina camada de poeira cósmica, intocada por milênios. Mas o que chamou a atenção do homem não foi a arquitetura imponente. Foi o que a luz revelou a poucos metros da rampa de desembarque.
Alinhadas contra a parede da doca, perfeitamente preservadas pelo vácuo, estavam dezenas de formas geométricas menores. Pareciam cápsulas de fuga ou veículos de transporte individuais. E, gravado na lateral de cada uma delas, estava um símbolo. Não eram hieróglifos alienígenas incompreensíveis.
Era uma variação do mesmo alfabeto que eles usavam em seu planeta natal, mas em uma caligrafia que deixara de existir séculos antes de eles nascerem.
Aqui está o quinto capítulo, focando na revelação da tradução e na imersão profunda pelas entranhas da megaestrutura.
Capítulo 5: O Arquivo do Silêncio
As botas magnéticas fixavam-se ao chão com cliques pesados e rítmicos que ecoavam apenas dentro dos capacetes. O homem e a mulher ajoelharam-se diante da cápsula mais próxima, os holofotes de seus trajes convergindo sobre a inscrição gravada no metal negro.
A mulher ergueu o braço esquerdo, ativando a tela do tradutor universal acoplado ao pulso. Ela mirou a câmera óptica integrada na

direção dos caracteres geométricos. A lente ajustou o foco com um zumbido mecânico quase imperceptível. Na tela portátil, linhas de dados começaram a processar a caligrafia arcaica, comparando a estrutura dos símbolos com os bancos de dados históricos de seu planeta natal.

O homem observava a barra de progresso digital oscilar.

— É uma variação do dialeto do hemisfério norte — ele disse, a voz ecoando pelo canal de rádio privado. — Da era pré-colapso global. Mas o que uma tecnologia dessa escala estaria fazendo aqui, a anos-luz de onde nossa civilização sequer sonhava em chegar naquela época?

O tradutor emitiu um bipe suave. Os caracteres antigos começaram a se rearranjar na tela, sobrepostos por palavras modernas e compreensíveis. A mulher leu o resultado em voz alta, a voz trêmula:

— "Projeto Arca de Noé - Unidade de Preservação Genética 04. Se você está lendo isso, a Grande Dissipação venceu."

Um silêncio gélido se instalou entre os dois. Eles não eram os primeiros a fugir. Não eram os pioneiros de uma jornada desesperada; eram apenas os retardatários de um êxodo que começara séculos antes de seus próprios nascimentos. Aquela estrutura gigante não pertencia a alienígenas. Pertencia aos seus antepassados.

— Eles sabiam... — o homem murmurou, erguendo-se lentamente. — Eles sabiam da Dissipação muito antes de ela chegar ao nosso sistema solar. Construíram isso aqui no vazio profundo para tentar salvar o que restava.

— Mas por que está tudo apagado? — A mulher apontou o holofote para o resto da doca. As outras cápsulas estavam intactas, mas cobertas pela poeira cinzenta do tempo. Não havia sinais de atividade.

— Se isso é uma arca, cadê todo mundo?

Para encontrar a resposta, eles precisavam ir mais fundo.

Deixando as cápsulas para trás, os dois avançaram em direção à enorme comporta que dava acesso ao interior do Titã. A porta, felizmente, fora deixada parcialmente aberta, emperrada por uma viga de metal torcida, permitindo a passagem de um corpo humano por vez. O homem passou primeiro, segurando a lanterna tática à frente, seguido de perto pela mulher.

O que encontraram do outro lado não era um corredor militar ou técnico, mas uma avenida colossal. A escala da engenharia era esmagadora. Pontes suspensas cruzavam o abismo interno da estrutura, conectando setores que pareciam bairros inteiros, todos esculpidos no mesmo material escuro e polido. No entanto, não havia atmosfera. O vácuo ali dentro preservava uma atmosfera de abandono absoluto.

À medida que caminhavam pela avenida principal, os feixes de luz

revelavam a verdade sobre o lugar. Eles passaram por praças secas, por edifícios cujas janelas olhavam para o nada, e por veículos abandonados no meio das vias. Não havia sinais de violência, nem marcas de tiros ou explosões. Mas também não havia corpos.
Era o mesmo padrão do planeta deles. As pessoas não haviam morrido ali. Elas simplesmente haviam deixado de existir.
— A Dissipação alcançou a arca — a mulher constatou, parando na beira de uma plataforma que dava vista para um imenso salão circular abaixo. — Eles construíram essa fortaleza de metal pesado achando que a densidade da matéria os protegeria da perda de coesão. Mas o vazio não se importa com a espessura das paredes. Ele eventualmente entra.
O homem apontou sua lanterna para o centro do salão circular inferior. Lá embaixo, uma imensa esfera metálica, que outrora deve ter sido o núcleo de energia ou o supercomputador da estrutura, exibia uma rachadura profunda e brilhante. Mas não brilhava com luz.
A rachadura emitia o mesmo negrume absoluto, a mesma ausência de estrelas que eles viram no espaço lá fora. Um fragmento da Dissipação estava alojado bem no coração da arca, crescendo lentamente, consumindo a estrutura de dentro para fora.
Antes que pudessem recuar, o tradutor no pulso da mulher começou a emitir um estalo estático violento, e uma nova mensagem, captada de um transmissor de curto alcance ainda ativo no salão inferior, começou a piscar freneticamente na tela.
Aqui está o capítulo 7, avançando na história com foco total nas traduções e revelações encontradas nos arquivos da megaestrutura.
Capítulo 7: Os Diários do Fim
A tela do tradutor universal agora emitia uma luz azulada contínua, projetando linhas e mais linhas de texto recuperadas do núcleo da estrutura. O homem e a mulher prenderam a respiração. Diante deles, traduzidos daquela escrita arcaica, não estavam apenas relatórios militares ou dados técnicos frios, mas os registros pessoais daqueles que haviam habitado a arca antes do silêncio.
O primeiro bloco de texto traduzido trazia a data de fundação da estrutura, séculos atrás:
"Dia 412, Ano da Partida. A Arca 04 está estabilizada no ponto cego do quadrante escuro. Deixamos nosso lar sabendo que éramos a nossa última esperança. O fenômeno que consome nosso mundo natal foi batizado pelos filósofos a b